

A locução *só que não* dos pontos de vista sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual

The expression *só que não* from the syntactic, semantic, pragmatic and discursive-textual points of view

Daniel William Ferreira de Camargo¹

Universidade Federal de São Carlos/Instituto Federal do Sul de Minas

Resumo: Este trabalho diz respeito à existência de um uso de *só que não*, que, em sua essência, expressa a ironia do falante com relação a uma proposição imediatamente anterior. A locução tem encontrado lugar até mesmo em grandes jornais, de circulação nacional, o que demonstra sua versatilidade para transitar entre diferentes contextos e adequar-se a diferentes modalidades da língua. Tendo em vista o caráter de *só que não*, cuja representação, em alguns casos, se faz presente pela mera indicação de suas iniciais, procedemos, com base na caracterização funcional da perífrase conjuncional *só que*, de Longhin-Thomazi (2003a, 2003b), a uma investigação que descreve nosso objeto de estudo nos aspectos sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual. Para tanto, adotamos uma metodologia que considera o uso efetivo da língua, com dados obtidos sincronicamente, e contamos com o *WebCorp*, que, por oferecer uma série de filtros e contextualizar as ocorrências resgatadas, mostra-se uma ferramenta sobremodo versátil na busca de casos (CAMARGO, 2012, 2014). Desse modo, valem-nos dos seguintes aspectos: (i) posição da construção, (ii) quebra de expectativas, (iii) veiculação de ironia e (iv) associação a diferentes gêneros textuais. Nesse tocante, nossos achados evidenciam a preferência da expressão pela posposição, já que sua atuação incide sempre sobre a porção textual anterior; a presença inerente tanto da contraexpectativa quanto da ironia; e sua recorrência também em gêneros como *coluna*, *artigo de opinião* e *editorial* principalmente.

Palavras-chave: Só que não. Funcionalismo. Descrição.

Abstract: This work is about the existence of a use of *só que não*, which, in essence, expresses speaker's irony with respect to a preceding proposition. Concerning different ways of *só que não* occurrence, once it can appear only with its initials, we based on Longhin-Thomazi's study (2003a, 2003b) to analyze its behavior on syntactic, semantic, pragmatic and textual aspects. Therefore, we adopt a methodology that considers effective use of the language, aiming to describe real events synchronously. We thus count on the *WebCorp*, which can, by offering a series of filters and contextualizing redeemed occurrences, be considered a versatile tool in the search for occurrences (CAMARGO, 2012, 2014). In this sense, our analysis aspects, which are (i) position of the expression, (ii) its denial and setback, (iii) its irony, and (iv) its association with several textual genres, allowed us to achieve the following results: the expression prefers locate itself always after some textual portion, what means that *só que não* acts over a piece of information located immediately before of it; all of our occurrences emphasize that both expectations drop and irony are product of its presence; and its recurrence on texts from *column*, *opinion article* and *editorial* genres mainly.

Keywords: Só que não. Functionalism. Description.

¹ E-mail: danielw.camargo@gmail.com

Submetido em 20/01/2020.

Aprovado em 22/02/2020.

Introdução

São inúmeros os trabalhos que se propõem a investigar os usos no português. A língua é campo fértil, justamente porque está sujeita a nós, seus falantes, seres relacionais. Para atender aos diferentes propósitos comunicativos de que se tem conhecimento, advindos, é claro, das múltiplas e simultâneas interações que travamos uns com os outros, a todo o momento pomos à prova a inventividade linguística. Como resultado desse processo contínuo, pipocam usos nem sempre já verificados no sistema e por ele validados, mas inteiramente funcionais, no sentido de desempenhar um papel competente em ocasiões preestabelecidas.

Nos tempos modernos, caracterizados por uma comunicação livre de barreiras, só possível em virtude da rede mundial de computadores, tal processo intensifica-se cada vez mais, haja vista que a tudo se consegue visibilidade, a depender, é claro, da adesão de nós, falantes, a qualquer que seja o fenômeno – neste caso, consideremos o âmbito linguístico. Assim, usos se difundem, rompem fronteiras, extravasam o lugar-comum, chegam a outros domínios, ganham trânsito livre e penetram no sistema de tal forma, que começam a despertar a atenção de nós, linguistas, na tentativa de compreendê-los cientificamente.

Um desses grandes usos hodiernos e representativos diz respeito à construção² *só que não*. Sua natureza parece se constituir de um emaranhado tão complexo de traços, entre os quais o da articulação, o da negação e o da ironia, que se trata de mais uma prova da força criadora partilhada pela língua e pelos falantes.

Observemos, então, um caso bastante prototípico da construção referida.

² Neste estudo, faremos uso reiterado do termo *construção*, que deve ser entendido como sinônimo de *expressão* ou *locução*.



Figura 1 – Ocorrência prototípica de *só que não*

Fonte: Folha de S. Paulo (2014).

A imagem acima ilustra o teor de nossa investigação. O título dessa coluna, à época assinada às quintas e aos sábados no jornal *Folha de S. Paulo*, lança mão de um recurso linguístico que, embora já bastante comum, carece de uma reflexão que o caracterize e, então, o identifique no âmbito das possibilidades de escolha que nos são oferecidas.

Em linhas gerais, o que se faz é estabelecer uma afirmação e, logo depois, negá-la, produzindo, com isso, um efeito de natureza irônica. Assim, apesar de dizer que os quadragenários de hoje são os trintenários de ontem, a colunista, imediatamente em seguida, invalida a afirmativa por meio da construção *só que não*, responsável por introduzir a negação e a ironia já referidas.

Neste artigo, portanto, pretendemos descrever o comportamento da construção *só que não*, que tem ganhado mais expressividade a cada dia. Dotada de traços muito específicos, que não se observam em nenhuma outra expressão do tipo, como a ironia e as diferentes maneiras pelas quais é capaz de se apresentar (por exemplo, em minúsculo ou maiúsculo, abreviada ou por extenso, acompanhada do símbolo # ou não), a construção *só que não* vem despertando interesse, porque elucida a noção de que a língua é dinâmica, atualizando seus mecanismos comunicativos de tempos em tempos. É a partir do exame da língua em uso que se notam, efetivamente, as características de qualquer que seja o objeto de estudo numa perspectiva funcionalista (CAMACHO, 1994; VOTRE; NARO, 1989), justamente a adotada neste trabalho.

O objetivo geral é o de descrever o emprego da construção em questão no

português contemporâneo de registro escrito,³ caracterizando-a no que concerne ao seu estatuto sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual, com base em: (i) posição da construção, de natureza sintática; (ii) quebra de expectativas, de caráter semântico; (iii) veiculação de ironia, de teor pragmático; e (iv) associação a diferentes gêneros textuais, de traço textual-discursivo.

1. Fundamentação

1.1 Funcionalismo

Vale dizer que não nos cabe, nesta ocasião, avaliar os inúmeros modelos depositados sob o guarda-chuva funcionalista nas diversas divergências que sabemos haver entre eles, uma vez que as circunstâncias atuais não nos demandam isso, mas expor o quadro sobre o qual se assenta o movimento e, com base nisso, reconhecer as congruências, entre as quais a de que as línguas não são entidades autônomas, porque dependentes de seus falantes.

De modo geral, sem particularização de nenhuma natureza, qualquer proposta que apresente ligação entre propriedades gramaticais, semânticas e pragmáticas visando a descrever, por meio de uma função, um aspecto formal de interesse linguístico e verificando padrões linguísticos pela tipologia gramatical é funcionalista. Em outras palavras, o funcionalismo pretende que a linguagem humana seja vista como um instrumento de interação social entre seres humanos, estabelecendo, assim, comunicação.

De acordo com Camacho (1994), “são os usos da linguagem que modelaram o sistema linguístico, que, por isso, não é arbitrário. O modo como é organizado é funcional, porque se desenvolveu para satisfazer as necessidades humanas” (CAMACHO, 1994, p. 34). Nesse sentido, para um funcionalista, a lâmina do machado tem a forma que tem, porque está destinada à tarefa de cortar madeira. A função da lâmina do machado, portanto, é que determina sua forma – daí a abordagem funcionalista tender a se ocupar mais de descrição do que de explicação, dependente de fatores pragmáticos (BORGES NETO, 2004).

³ Embora a oralidade possa também ser um campo fértil considerando-se o escopo desta descrição, é sobre as ocorrências escritas da expressão, independentemente da forma como apareçam, que nos debruçamos aqui, neste texto.

Logo, o sustentáculo do funcionalismo é a noção de que a língua está a serviço das funções determinadas pelo uso, sendo preciso, por isso, estudá-la como “entidade não suficiente em si mesma” (NEVES, 2001, p. 39), ou seja, apenas quando em funcionamento, em atividade, em operação, é que ela nos demonstra sua completude.

A presente descrição prende-se ao funcionalismo, porque tal proposta teórico-metodológica propicia reconhecer os diversos campos em que a língua se manifesta, o que sustenta a orientação funcional ou prática da análise. Ela não se filia, entretanto, a uma corrente específica do funcionalismo, uma vez que se vale de conceitos gerais da escola como perspectiva, permitindo abarcar a integralidade do fenômeno, sem restrições algumas.

Tendo em conta esses apontamentos e recorrendo às premissas com que Givón (1995 apud MARTELOTTA; AREAS, 2003) caracteriza a concepção funcionalista, esta investigação constitui uma descrição funcionalista, porque:

- a língua é o que fomenta as interações verbais – é justamente na, pela e com a língua que os funcionalistas se propõem a operar, já que ela é que protagoniza as relações comunicativas;
- a diversidade de usos faz da linguagem um campo heterogêneo – a língua, embora não seja um artigo pronto ou acabado, dá possibilidades de escolha e de uso. Cabe, portanto, ao usuário, nem sempre ciente de determinado contexto de aplicação, recorrer a uma forma ou outra para travar interação. É por isso que os funcionalistas, de maneira geral, baseiam seus estudos na coleta de casos significativos para o propósito de sua descrição, o que chamamos de *corpus* linguístico;
- o sentido é contextualmente dependente, e não atômico – na língua, o sentido nunca é fixo, estável, havendo liberdade para construí-lo e, da mesma forma, para desconstruí-lo. Os funcionalistas, levando em conta esse aspecto, põem à prova cada etapa de análise, justamente para cuidar também dos já previsíveis sentidos “fora da curva”;
- a relação entre estrutura gramatical e contexto comunicativo é levada em consideração – relacionando-se à constatação anterior, que traz à baila o fato de o sentido ser variável, é preciso haver concordância entre a estrutura pela qual determinado evento se dá – se gramatical ou agramatical, por exemplo – e o seu

contexto de ocorrência, para de modo algum proceder a uma pesquisa que seja frágil, com uma série de lacunas, porque sem validade naquele sistema linguístico.

1.2 Sobre a locução *só que não*

Já há pesquisas linguísticas que se puseram a investigar aspectos não só da construção *só que não* mas também de *só que sim* e de *só que nunca*, como a de Gervasio (2016). Segundo o autor, cuja dissertação de mestrado se baseia no panorama da Linguística Cognitiva, o objetivo é explicar, por meio da mesclagem conceitual, o processo de construção de sentido com *corpus* constituído de postagens extraídas da rede social *Facebook*.

Outro trabalho, desta feita um artigo, que se põe a discutir construções como *só que não* é o de Zoppi-Fontana e Oliveira (2016), por meio da relação entre discurso, enunciação e argumentação, para quem a construção “encontra sua origem nas enunciações digitais e sua materialidade está ligada intrinsecamente ao modo de produção e circulação da escrita no ambiente digital” (ZOPPI-FONTANA; OLIVEIRA, 2016, p. 152).

Também Martins (2014), em artigo que discute cultura, cognição e uso no âmbito de expressões fraseológicas e paremiológicas, faz breve consideração a respeito da expressão *só que não*, “amplamente utilizada nas redes sociais recentemente para contrariar uma afirmação” (MARTINS, 2014, p. 122).

Isso é, portanto, mais uma prova de que a construção vem sendo notada como elemento cujo caráter provoca curiosidade com relação às suas efetivas possibilidades de ascensão na língua.

A sua circulação em contexto nacional, por exemplo, teve início recentemente, entre o fim de 2011 e o início de 2012, momento em que a internet notou o protagonismo da construção.⁴ Como estava sobremaneira circunscrita ao contexto das redes sociais, ambientes muito mais dinâmicos e inovadores, justamente pela linguagem menos monitorada, a expressão, apenas quando começou a encontrar espaço em outras atmosferas, despertou interesse. Além disso, o decorrer dos anos parece não ter fadado a

⁴ A mesma busca no Google revela-nos que os internautas começaram a conjeturar a respeito da locução no ano de 2012, com uma série de páginas tratando do fenômeno, o que nos faz supor que ela estivesse já em uso desde um pouco antes.

construção *só que não* ao declínio, já que ela tem conseguido lugar nos mais diferentes contextos e tipos de registro.

Em ambas as Figuras a seguir, 2 e 3, a construção é representada apenas pelo símbolo # seguido das letras iniciais *SQN*, o que pode sugerir que, em contextos linguísticos menos monitorados, a preferência seja por uma escrita enxuta e, por que não?, criativa, já que, “na escrita proposta na virtualidade, devido à rapidez tão característica desse meio, os sentidos também passam a ser produzidos pelos interactantes de modo bem similar à oralidade” (GERVASIO, 2016, p. 35).

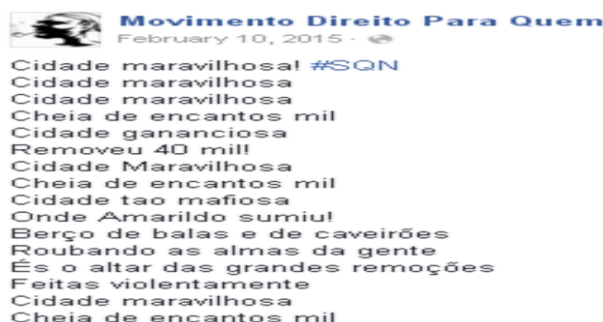


Figura 2 – Ocorrência de *só que não* em meio essencialmente informal: Facebook

Fonte: Facebook (2015).

Aguardando a OAB agir #sqn: "Indústria da ação trabalhista rende fortunas a advogados" | otempo.com.br/cidades/ind%C3 ... via @PortalOTEMPO



Figura 3 – Ocorrência de *só que não* em meio essencialmente informal: Twitter

Fonte: Twitter (2015).

Além do universo cibernético, ela tem sido usada até mesmo em jornais e revistas que, por natureza, gozam um estatuto de registro não tão “livre”, preocupados com um tratamento mais sóbrio à língua, numa modalidade claramente adloquial.

Então, embora indique ironia, sarcasmo, a expressão encontrou lugar em textos que tratam de economia e de comportamento, por exemplo, o que demarca sua versatilidade, por causa da particularidade de sua expressividade. Percebe-se também, nas Figuras 4 e 5, que a grafia escolhida é a por extenso, talvez mais afeita à modalidade de língua requerida pelos ambientes retratados nos extratos.



Figura 4 – Ocorrência de *só que não* em meio de registro formal: jornal *Folha de S. Paulo*

Fonte: Folha de S. Paulo (2016).



Figura 5 – Ocorrência de *só que não* em meio de registro formal: revista *Olhar São Paulo*

Fonte: Olhar São Paulo (2016).

Percebe-se, enfim, que a construção *só que não* tem mostrado um uso cada vez mais intenso, o que elucida a relevância desta investigação.

2. Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, faz-se necessário adotar uma metodologia que considere o uso efetivo da língua. Tendo em vista ocorrências reais – aquelas utilizadas de fato pelos falantes hoje –, buscamos uma obtenção sincrônica de dados. Nesse sentido, foi preciso coletar ocorrências para a formação do *corpus* analisado, o que se deu diretamente pela internet, que, ultimamente, tem se tornado fonte expressiva para trabalhos em linguística (VANDELANTTE, 2007; SANTANA, 2010).⁵

Foi, então, utilizada uma ferramenta de busca de textos na internet chamada *WebCorp*, interface que, lançando mão de vários buscadores, traz os resultados como

⁵ Embora haja um número razoável de *corpus* de português disponíveis on-line, de diferentes constituições no que se refere aos tipos de texto e à quantidade de dados, acredita-se que, para a análise em tela, os dados da internet possam ser mais interessantes e profícuos.

concordanciador. Saliente-se que, a favor da utilização desse instrumento, pesa a experiência de Camargo (2012, 2014), porque muito exitosa.⁶

A ferramenta foi concebida para resgatar dados linguísticos da internet nos quais as linhas de concordância demonstrem o contexto em que um termo ocorre. Desse modo, ela fornece exemplos contextualizados do uso da língua e os apresenta de forma adaptada à análise linguística. Assim, a análise de páginas da internet feita por meio do *WebCorp* pode ser considerada mais completa em relação à empreendida por meio de outras ferramentas de busca, uma vez que ele permite a aplicação de uma série de filtros.

Nesse tocante, demos início à constituição de nosso *corpus* considerando as diferentes configurações formais da expressão *só que não*. Em outros termos, recolhemos casos de *só que não* não apenas na sua forma por extenso mas também nas demais configurações, acompanhadas ou não do símbolo # – muito comum no meio eletrônico. A coleta de ocorrências para a presente pesquisa se deu em meados de 2016, entre os meses de junho e dezembro, um período de pouco menos de seis meses.

Um extrato de informação linguística obtida por meio da busca com o *WebCorp* é dado na Figura 6, que mostra os padrões de uso de *só que não*, por exemplo.

e Frases / Internet	Só que não	Legal Você é muito legal
Você é muito legal...	Só que não	compartilhar Maturidade
maturidade é incrível...	Só que não	compartilhar Legal
menos eu sou legal	Só que não	compartilhar Inteligênc
é muito inteligente,	Só que não	compartilhar Balada
esse final de semana.	(Só que não)	compartilhar Prazer
Prazer em te conhecer.	Só que não	compartilhar Bieber
Bieber é meu idolo...	Só que não	compartilhar Matemática
muito bom em matemática.	Só que não	compartilhar Cinco
minutinho eu tô aí!	Só que não	compartilhar Salada
comer uma saladinha.	Só que não	compartilhar Dieta To
não vou comer doce.	Só que não	compartilhar Trabalho
inteiro trabalhando.	Só que não	compartilhar Opção Ser
legal é uma ótima opção.	Só que não	compartilhar Espelho
de cabeça no espelho.	Só que não	compartilhar Culpa Eu
mamãe me fez direito.	Só que não	compartilhar Namoro
stressedo é muito legal.	Só que não	compartilhar Domingo
sempre muito agitados.	Só que não	compartilhar Chuva
quando eu fiz chapinha.	Só que não	compartilhar Luta Pense
ia lutar por nós dois.	Só que não	compartilhar Escola
mpartilhar Indeciso Sim,	Só que não	compartilhar Praia
Praia Adoro praia...	Só que não	compartilhar Verdade
Verdade To muito bem,	Só que não	compartilhar Perfeição
feitos um para o outro.	Só que não	compartilhar Escola
Amo a minha escola.	Só que não	compartilhar Beleza
peessoa muito bonita.	Só que não	compartilhar Segunda-fe
Amo segunda-feira...	Só que não	compartilhar Gata Aquel
menina é muito gata.	Só que não	compartilhar Lindo
que hoje eu to lindo.	Só que não	compartilhar Amor Um
e eu digo que te amo...	Só que não	compartilhar Sentimento
tu me ama demais então.	Só que não	compartilhar Meta
lindo que fui em 2012.	Só que não	compartilhar tags memes

Figura 6 – Extrato de busca de *só que não*

Fonte: WebCorp (2016).

É forçoso, todavia, atentar para o fato de que a internet pode ser uma fonte inesgotável de dados confiáveis e, ao mesmo tempo, de outros nem tão idôneos assim. Além disso, existem páginas que são criadas/gerenciadas por pessoas que não fazem uso

⁶ Texto original: “[...] the purpose of the *WebCorp* system is to extract supplementary or otherwise unavailable information from web text; to provide a quality of processed and analysed linguistic output similar to that derived from finite corpora; and to try progressively to meet users’ expressed needs”.

do português como língua nativa ou mesmo páginas que são a tradução exata de suas originais. Por essas razões, é necessário que o analista avalie seus resultados, de modo a comprovar a validade dos dados encontrados, o que deve ser feito com base em seu conhecimento de língua.

No que concerne à construção *só que não*, vale frisar, contudo, que, como sabemos se tratar de um uso muito mais recorrente em redes sociais – seu lugar por excelência –, justamente porque, no que diz respeito mais diretamente ao *Facebook*, apresentam “uma grande sobreposição de recursos semióticos e [...] uma ‘relativização do rigor linguístico’, visto que os textos produzidos nas redes sociais têm se mostrado mais livres e fluidos” (CARVALHO; KREMER, 2013, p. 86 apud GERVASIO, 2016, p. 48), nosso grande interesse consiste em identificar o grau de espraiamento da expressão por outras esferas discursivas ainda no âmbito internético. Dessa forma, não levamos em conta páginas dedicadas a produzir humor, ou seja, endereços que, à época, tivessem como objetivo primeiro fazer rir, haja vista que a natureza da expressão veicula ironia. Nesse tocante, preferimos nos ater a ambientes que, em princípio, não fossem da constituição da construção.

Reitere-se que o fato de fazermos tal recorte não quer dizer, de modo algum, que as ocorrências verificáveis em ambientes menos monitorados linguisticamente sejam desprovidas de valor científico, mas que, para o escopo da presente caracterização, o que se busca é capturar e descrever os casos além-fronteira – aqueles não previstos –, corroborando, pois, os mecanismos de atualização da língua nessa direção.

Assim, empreenderam-se seis rodadas de busca, uma por mês, a fim de perfazer todas as possibilidades de configuração formal da construção e obter um universo de dados considerável para uma descrição consistente da expressão, mas apenas cinco delas retornaram algum resultado significativo, a saber:

- i) **só que não**
- ii) **#SQN** ou **#sqn**
- iii) **#SóQueNão** ou **#sóquenão**
- iv) **#só que não**
- v) **#SoQueNao** ou **#soquenao**.

Chegou-se, então, a um total de **151 ocorrências**, número que julgamos suficiente, porque bem representativo em termos de qualidade de dados.

O passo seguinte, depois de localizadas as ocorrências, foi sua organização. Os dados foram, então, dispostos por tipo de configuração formal da construção num documento em branco do *Word*, de maneira que conseguíssemos uma lista de todos os resultados obtidos para, na análise, não haver tanta dificuldade na manipulação dos dados.

Por fim, adotando como critérios (i) a posição da construção, se sempre anteposta ou posposta a uma informação, de natureza sintática; (ii) a expressão da ideia de contraexpectativa, com relação ao seu papel entre duas ou mais orações, de caráter semântico; (iii) a veiculação de ironia, se inerente ou esporádica, de teor pragmático; e (iv) os gêneros textuais mais associados ao seu emprego, tentando associar o tipo de configuração formal ao contexto de ocorrência, de traço textual-discursivo, procedemos a uma análise qualitativa, que apresentamos a seguir.

3. Análise

3.1 Resultados obtidos

Procedendo a uma pesquisa no *Corpus do Português*, plataforma que “contém aproximadamente um bilhão de palavras em Português, retiradas de mais ou menos um milhão de páginas de web” (DAVIES, 2015, s/p), constata-se que se trata mesmo de um fenômeno recém-chegado, como já afirmáramos, de não muito tempo, uma vez que esse *corpus* “permite que se analise o Português mais recente (os textos foram recolhidos entre 2013 e 2014)” (DAVIES, 2015, s/p). Na verdade, são, ao todo, 4.756 ocorrências de *só que não*, mas nem todas encerram ironia, o que demanda ao pesquisador selecionar os casos próprios do escopo de seu objeto de estudo.

A construção *só que não*, como se adiantou, é multiforme, porque pode se apresentar sob diferentes grafias. Tal caráter aponta se tratar de um fenômeno tão diverso na sua representação escrita e, ao mesmo tempo, tão homogêneo funcionalmente que atentarmos para as formas que estejam sendo preferidas ou preteridas possibilitará um destrinchar muito mais minucioso.

Nesse sentido, encontraram-se as grafias **só que não**, **#SQN** ou **#sqn** e **#sóquenão** ou **#SóQueNão** como mais prevalentes respectivamente, embora se tenha obtido ocorrências, em menor grau, também das formas **#só que não** e **#soquenao** ou **#SoQueNao**, perfazendo os 151 dados já referidos.

A configuração formal mais recorrente, de acordo com nosso *corpus*, é *só que não*, em sua forma inteiriça sem a presença do símbolo #. Um exemplo bastante prototípico é o seguinte:

(1) Você precisa ver essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** (<http://www.motivacaododia.com/2016/07/voce-precisa-ver-essas-19-fotos-de.html>)

Ocupando o segundo lugar na ordem de preferência dos usuários da língua, verificam-se as formas abreviadas *#SQN* ou *#sqn*, em maiúsculo ou minúsculo com a presença do símbolo #, como mostra esta ocorrência:

(2) Galvão Bueno em 40 momentos gente como a gente **#sqn** (<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/bol-listas/2016/01/15/galvao-bueno-em-40-momentos-gente-como-a-gente-sqn.htm?fotoNav=1>)

Na terceira posição, estão as configurações *#sóquenão* ou *#SóQueNão*, inteiriças com a presença do símbolo #, para as quais trazemos a seguinte ocorrência coletada:

(3) Se olharmos apenas superficialmente, parece que tudo está bem para as mulheres no mercado de trabalho, **#SóQueNão**. (<http://mais.espm.br/artigos/soquenao>)

Em seguida, constata-se a forma *#só que não*, precedida do símbolo # e dotada de espaço entre as partículas que a compõem:

(4) Que gracinhas! **#Só que não**: veja as 10 crianças mais perversas do cinema (<http://virgula.uol.com.br/tvecinema/veja-10-criancas-mais-malvadas-do-cinema/>)

Por fim, menos recorrentes, mas com aparição significativa no *corpus*, destacam-se as configurações *#soquenao* ou *#SoQueNao*, inteiriças com a presença do símbolo #. Sua ocorrência prototípica pode ser:

(5) O consumidor está a um clique de distância... **#soquenao** (<https://goo.gl/Y8qHTD>)

Construído o cenário de busca e coleta, tem início, então, a análise propriamente dita, com vistas a, adotando como pontos de vista os parâmetros já expostos, que compreendem os âmbitos sintático, semântico, pragmático e textual-discursivo da expressão, apresentar seu comportamento.

3.1.1 Do parâmetro de natureza sintática: posição

A construção desempenha papel definido: o de estabelecer articulação, mas por meio de uma refutação irônica, preferindo posicionar-se ao fim daquilo que se tencione desdizer.

O fato de incidir sobre a declaração imediatamente anterior, negando-a, refutando-a, é o que parece explicar sua posição, sempre na segunda oração coordenada. Em outros termos, nosso universo de dados – todas as 151 ocorrências – permite-nos verificar que a posição da expressão parece ser sempre a mesma, iniciando, em todos os casos, outra oração coordenada, o que talvez indique regularidade quanto à sua posição.

Consideremos a ocorrência (1), constante da seção **3.1 Resultados obtidos**. Nela, na primeira oração, chama-se a atenção do leitor para um conjunto de fotos de casamento consideradas, a princípio, dentro dos padrões que uma ocasião como essa estabelece. Em seguida, desdiz-se a afirmação de se tratar de fotografias no âmbito da normalidade, por meio da construção *só que não*, que incide diretamente sobre a porção final “supernormais”, o que nos faz supor não a retomada do verbo *precisar*, mas o uso do verbo *ser*, como a seguir:

(1a) Você *precisa ver* essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** [são].

Se, nesse caso, houvesse a retomada do verbo da primeira oração coordenada, ter-se-ia a negação de toda a afirmação, o que não condiz com a intenção de seu emissor. O que se pretende é negar e ironizar apenas o fato de que são fotos normais.

Assim, o exemplo seguinte torna-se uma interpretação inapropriada.

(1b) Você *precisa ver* essas 19 fotos de casamento super normais, **só que não** [precisa].

É preciso, portanto, reconhecer que, embora, na maioria das vezes, a construção *só que não* retome implicitamente o verbo da primeira oração, em casos como (1) recorre-se a um verbo genérico como o *ser*. Em outras palavras, ainda que, na ocorrência, a construção *só que não* não solicite o verbo da oração anterior, mas outro, sua posposição permanece em relação a uma informação, não se alterando.

Tenhamos em vista, agora, a ocorrência (4), que não apresenta, no primeiro segmento textual (“Que gracinhas!”), verbo aparente, o que também contraria seu uso

geral. Apesar disso, não podemos deixar de afirmar que se trata, sim, de uma oração coordenada, uma vez que se subentende o seguinte:

(4a) Que gracinhas [*são estas crianças*]! **#Só que não** [são]:
veja as 10 crianças mais perversas do cinema

Em outras palavras, embora a ocorrência (4) não apresente um verbo explícito na primeira porção textual do período, como é praxe fazê-lo, recorrendo ao genérico *ser* conseguimos deixar clara sua constituição como oração e explicar a retomada verbal implícita requisitada pela construção *só que não*, de acordo com (4a). Também nesse caso, a expressão em estudo aparece posposta, negando a afirmação inicial.

Lançando mão, por fim, da ocorrência (5), temos um caso clássico. Dizemos isso, porque a primeira porção textual pode ser, de imediato, considerada oração, uma vez que apresenta explicitamente o verbo *estar*, e a segunda, uma vez que retoma implicitamente o verbo constante da primeira oração. Tem-se, então, o seguinte:

(5a) O consumidor *está* a um clique de distância... **#soquenao**
[está].

Assim, o que, na verdade, se afirma é que o consumidor não está a um clique de distância, quebrando as expectativas do leitor. Saliente-se a posposição da expressão prevalecendo também nessa ocorrência.

Ainda nesse âmbito, pondo-nos a olhar a constituição material da expressão, vale destacar que ela é de caráter indivisível, formulaico. Em outras palavras, a construção veicula negação irônica apenas com a justaposição dos termos *só, que e não*.

Para tanto, contemplando ainda as ocorrências da seção **3.1 Resultados obtidos**, consideremos o caso (3a), que é outro a funcionar como já conhecemos, já que, na oração imediatamente anterior à da construção *só que não*, tem-se um verbo aparente, e, na segunda, a retomada desse verbo implicitamente.

(3a) Se olharmos apenas superficialmente, parece que tudo *está*
bem para as mulheres no mercado de trabalho, **(#)SóQueNão**
[está].

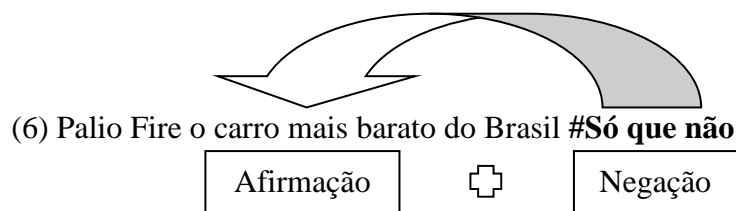
Pode-se, então, concluir que, se a funcionalidade da expressão está em contrastar segmentos e negar a declaração imediatamente anterior, sua posição no interior dos períodos não é passível de alteração. Talvez seja por isso mesmo que nosso *corpus* não

contém sequer uma ocorrência em que *só que não* antecede a declaração, o que faz supor que a construção tenha estabelecido uma organização frasal.

Consideremos, desta feita, outro exemplo, a saber:

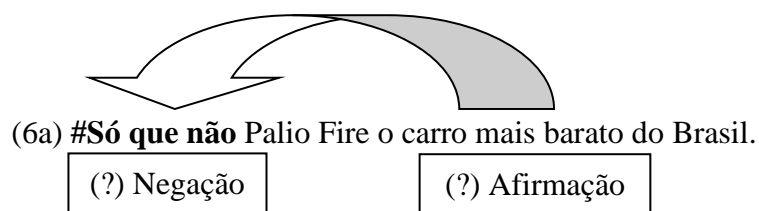
(6) Palio Fire o carro mais barato do Brasil **#Só que não**
 (http://everything.plus/Palio_fire_o_carro_mais_barato_do_Brasil_S%C3%B3_que_n%C3%A3o_/UrCGsYQDIzY.video)

Com relação ao exemplo (6), vejamos o esquema a seguir.



A posposição da expressão é a única posição verificada em todo o universo de dados, porque o período deve obedecer a uma lógica: primeiro, estabelece-se uma afirmação e, depois, por meio do contraste, faz-se um julgamento acerca dela, que é o da negação, com *só que não* incidindo sobre o conteúdo imediatamente anterior a ele. É o que expõe o exemplo (6).

Se, porém, o reformularmos à base da anteposição de *só que não*, produziremos (6a).



Em (6a), em que se subverte a lógica de períodos com *só que não*, a expressão passa a incidir sobre um conteúdo inexistente, justamente porque não se tem afirmação imediatamente anterior, o que acaba invalidando sua atuação. Entende-se, então, o porquê da posposição como predominante. Em casos desse tipo, a expressão não tem poder sobre o conteúdo posposto, o que quer dizer que ela acaba exercendo mera figuração, já que não veicula sentido.

Portanto, na medida em que os períodos com a presença de *só que não* obedecem, via de regra, à lógica de 1) fazer uma afirmação e 2) negá-la por meio de contraste, quebrando expectativas, a reformulação, a saber, (6a), subverte essa

organização hierárquica ao 1) agir sobre um conteúdo inexistente e 2) fazer uma afirmação, o que se mostra contraproducente, no sentido de que a expressão deixa de veicular o valor de contraexpectativa, não negando nem ironizando a informação imediatamente anterior.

Tal constatação permite-nos, pois, afirmar que a construção *só que não*, com o sentido aqui descrito, pode incidir somente sobre um segmento já expresso ou uma declaração já feita. Independentemente da grafia escolhida – a por extenso ou a abreviada –, a expressão tende a aparecer posposta, o que atesta regularidade.

3.1.2 Do parâmetro de caráter semântico: contraexpectativa

A ideia que expressa, sabe-se, é a de oposição, adversão, contrariedade, quebrando as expectativas do falante justamente ao ressignificar dada informação. Será, porém, o valor de contraexpectativa decerto uma constante, perpassando todos os usos possíveis?

Para respondermos a essa questão, façamos uma breve exposição acerca das partículas *só*, *que* e *não* e procedamos à análise de mais algumas ocorrências.

As gramáticas, de maneira geral, têm dificuldade para enquadrar plenamente a palavra *só* numa das dez classes gramaticais conhecidas no português. Isso, porque se trata de um uso muito heterogêneo, razão pela qual se prefere considerá-la uma palavra denotativa, dizendo respeito àquelas que não têm lugar estável em nenhuma das classes.

Assim, no âmbito das palavras denotativas, atribuem-se à partícula *só* duas funções: “(i) palavra de exclusão, restrição ou limitação, cujo sentido é aquele de *exceto* [...] ou de *apenas* [...]” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 179, grifos da autora), e “(ii) simples palavra de realce” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 180). Ainda de acordo com Longhin-Tomazi (2003a), na descrição linguística costuma-se ver a palavra *só* como operador de foco, de caráter adverbial, que nada mais é do que um advérbio focalizador ou restritivo. Nesse sentido, *só* apresenta algumas particularidades, dentre as quais destacamos três:

I) Como se trata de um elemento de posição variável na sentença, ele pode incidir sintaticamente sobre palavras de diferentes classes, sobre sintagmas de diferentes funções e até mesmo sobre orações.

(7) Encontraram **só** a canoa dele (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 181).

No que concerne à ocorrência (7), a partícula *só* incide diretamente sobre um sintagma nominal, delimitando a informação por ele veiculada.

II) Como aparece em construções paralelas, estabelecendo contraste entre elementos da sentença, *só* se apresenta com certa ambiguidade: mantém a função de operador de foco restritivo e, ao mesmo tempo, funciona como conector contrastivo de sentenças.

(8) A gente não joga não, **só** a turminha do ginásio de tardinha joga (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 182).

No exemplo (8), a partícula *só*, além de restringir a primeira informação dada, parece funcionar como ponte entre a primeira oração e a segunda.

III) Tido como um operador argumentativo de acordo com Ducrot, *só* é capaz de alterar o potencial argumentativo de um enunciado.

(9) **Só** o João foi reprovado (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 182).

Pelo caso (9), é possível obter duas informações: a de que João foi reprovado e a de que ninguém mais, apenas João, foi reprovado. Constata-se, então, em decorrência da orientação argumentativa que o termo *só* opera, certa crítica a João pela única reprovação observada na turma, o qual, por alguma razão, não conseguiu desempenho satisfatório.

Além disso, são inúmeros os usos que podem ser feitos do termo *só*, por exemplo:

1. Focalizador restritivo, em que “*só* aceita ser parafraseado por ‘exclusivamente’ ou ‘apenas’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 183).
2. Operador argumentativo, em que “*só* pode ser parafraseado por ‘não mais do que’ ou ‘não além de’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 184).
3. Conjunção, em que “*só* é parafraseável por ‘mas’ em algumas situações e ‘mas’/‘só que’ em outras” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 186 e 187).
4. Parte de construção de realce, em que “*só* integra locuções do tipo ‘olha só’, ‘veja só’, ‘imagine só’” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 187).

5. Adjetivo, que “denota indivíduo sozinho, solitário, desacompanhado, único” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 187).

6. Parte da correlação *não só... mas também* e suas variantes.

Apesar da pluralidade de funções que tal palavra é capaz de desempenhar, vale dizer que, para que possamos prosseguir, nosso interesse aqui recai sobre o valor de advérbio.

A palavra *que*, por sua vez, congrega acepções em número muito maior. Segundo Câmara Júnior (apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a), ela “pode ser integrante, temporal, final, causal, consecutiva, concessiva, comparativa e base de conjunções compostas” (CÂMARA JÚNIOR apud LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 188).

Nesse tocante, tendo em vista a multifuncionalidade da partícula, a autora se põe a investigar qual dessas inúmeras funções teria se combinado com a palavra *só* como advérbio focalizador restritivo. Depois de algumas considerações, chega à conclusão de que a palavra *que* exerce – é provável – o papel de conjunção integrante a qual, “com a cristalização gradual da perífrase [só que], perde a transparência e passa a funcionar simplesmente como segundo membro da construção gramaticalizada” (LONGHIN-TOMAZI, 2003a, p. 193).

Com relação, por fim, à palavra *não*, que exprime negação/recusa, são possíveis as funções de advérbio e de substantivo, como mostram os exemplos a seguir, respectivamente.

(10) Com desvalorização de imóveis, São Paulo **não** terá aumento de IPTU
(<http://observadordomercado.blogspot.com.br/2017/03/folha-com-desvalorizacao-de-imoveis-sao.html>).

(11) A família e a falta de um **não**
(<http://veja.abril.com.br/blog/letra-de-medico/a-familia-e-a-falta-de-um-nao/>)

Em (10), *não* funciona como advérbio ao modificar o verbo *ter*, conjugado como *terá*. Já em (11), a palavra *não* exerce papel de substantivo, já que, nesse caso, a anterioridade do artigo *um* modifica a função por ela desempenhada. Ademais, vale mencionar as diversas expressões em que o termo *não* figura, como *a não ser que*, *pois não*, *quando não*, *se não* e *senão*, o que atesta sua versatilidade sintática.

Então, no que diz respeito à construção que é objeto de estudo deste trabalho, temos subsídio semântico já suficiente para voltarmos a *só que não* e demonstrarmos seu perfil, que herdou características de cada um dos três componentes que o constituem.

(12) Gêmeos, **só que não!** Reportagem mostra por que desconhecidos podem ser idênticos. (<http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/gemeos-so-que-nao-reportagem-mostra-por-que-desconhecidos-podem-ser-identicos-15102015>)

(13) A crise da água é apenas em São Paulo **#sqn** (<http://www.revistaecologico.com.br/noticia.php?id=3001>)

Em ambas as ocorrências, (12) e (13), observa-se que, independentemente da configuração formal da construção, ela desempenha a função de quebrar as expectativas do leitor ao opor os segmentos que articula. Nesse âmbito, Heine et al. (1991) esclarecem que “a quebra de expectativas (ou cancelamento de pressuposição) acontece nas situações em que há divergência entre o que é afirmado e as expectativas ‘normais’ dos participantes” (HEINE et al., 1991 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b, p. 143), o que quer dizer que o contraste provocado pela quebra de expectativas tem lugar quando se cancela a pressuposição do ouvinte por meio de mudanças de natureza pragmática, que consistem, entre outras coisas, em eliminação (de parte) da informação (DIK, 1989 apud LONGHIN-TOMAZI, 2003b).

Nesse tocante, em (12), por exemplo, pensa-se que o assunto a ser discutido envolva, como se sugere, irmãos gêmeos, o que faz criar certas expectativas quanto à sua leitura. Aventam-se, assim, possibilidades de compreensão/interpretação das ideias que, no âmbito daquele assunto, talvez sejam apresentadas. Essas mesmas expectativas, no entanto, são, pela introdução de *só que não*, além de quebradas, negadas logo em seguida, o que desorienta o leitor, fazendo-o buscar outras informações que preencham a lacuna surgida.

Na ocorrência (13), por sua vez, de configuração formal abreviada e acompanhada do símbolo #, afirma-se que a crise hídrica pela qual o Estado de São Paulo passou entre 2014 e 2016, quando viu seus reservatórios baixarem drasticamente, é um mal a que todos os demais estados da federação estão imunes. Tal afirmação nos induz, então, a fazer uma série de suposições que põem em xeque a administração

pública paulista por não ter dispensado a atenção devida aos recursos hídricos do estado. Forçosamente, entretanto, nos deparamos com a ruptura dessa linha de compreensão pela articulação de *só que não*, que, na verdade, amplia a extensão do problema, provavelmente porque isso seja uma preocupação também em outras regiões brasileiras.

Fica-nos claro, pois, que a contraexpectativa que os diferentes usos da construção expressam remonta aos traços particulares de *só*, de *que* e de *não*, os quais, inevitavelmente, acabaram sendo levados para a formação do comportamento geral de *só que não*. Retomando, portanto, a interrogação que abre esta subseção, a contraexpectativa, ao acompanhar todos os casos da construção *só que não*, constitui, sim, um traço inexorável.

3.1.3 Do parâmetro de teor pragmático: ironia

Nesse tocante, é na ironia, componente pragmático que parece intrínseco à construção *só que não*, que nos detemos – exposta nos seguintes termos:

Exemplificamos com a expressão *só que não*, amplamente utilizada nas redes sociais para contrariar uma afirmação. Por exemplo, ‘Dia lindo, só que não’ (isto é, o dia não está lindo; pelo contrário, está cinza, chuvoso, frio). Assim, cabe ao indivíduo ter a *competência metafórica* e, acima de tudo, *extralinguística* para identificar os *elementos subentendidos*, característicos dessa parte do léxico, para decodificar a mensagem – tarefa esta nem sempre fácil de realizar (MARTINS, 2014, p. 122, grifos nossos).

Com relação à exposição de Martins (2014), destaquem-se “competência metafórica [...] e extralinguística” e “elementos subentendidos”, que fazem alusão direta a uma decodificação a qual extrapola o dito, justamente porque o domínio a que se refere é o da interação como um todo constituído de vários segmentos interdependentes – a pragmática.

A ironia, segundo, por exemplo, Bechara (2004) e Lima (2003), é produto de acontecimento ou desfecho contrários ao que se esperaria das circunstâncias; trata-se da afirmação do contrário do curso de determinada declaração, encerrando a ideia de contraexpectativa.

Consideremos, assim, o seguinte caso:

(14) Desmatamento caiu? **Só que não.**
(<http://www.ghgprotocolbrasil.com.br/desmatamento-caiu-so-que-nao?locale=pt-br>)

A ocorrência em questão apresenta o componente irônico associado à veiculação de sentido. O encapsulamento provocado pela expressão, que não deixa haver complemento explícito, é, pois, resultado da presença de ironia. Em outras palavras, justamente a implicação irônica dá margem à ausência de complemento.

Retomemos o exemplo (14) e o complementemos:

(14a) Desmatamento caiu? **Só que não** [caiu].

Nele, como já discutimos, um mecanismo básico é o de, quando da existência de um verbo no primeiro segmento textual ou oração, a expressão solicitar a repetição de tal verbo (a saber, *cair*) e, então, encapsulá-lo, deixando-o implícito, o que inviabiliza a interposição de um complemento, como fazemos quando recorremos às partículas *mas* e *só que*.

Outra característica desse uso diz respeito ao fato de, mesmo interrogativamente, a primeira porção textual fornecer ou sugerir uma informação – pressupondo a construção de determinado sentido e, por conseguinte, a criação de certas expectativas nessa mesma direção – e a segunda oração, aquela introduzida pela expressão em estudo, negá-la, desfazê-la, contrariá-la, alterando o curso da direção ao quebrar as expectativas correspondentes. Em outras palavras, se a primeira oração sugere uma queda do desmatamento da fauna e flora brasileiras, *só que não* deixa claro que não, ora porque tenha se estagnado, ora porque, infelizmente, tenha crescido.

Considerando as dimensões sintática e semântica respectivamente, com as quais a ironia trava contato para estabelecer a si mesma, percebe-se que a ausência de particularização é, na verdade, fruto da ação de tal componente pragmático, que, por um lado, alivia o tom seco e terminativo da negação e, por outro, intensifica o valor expresso pela construção *só que não*, modalizando a declaração. Logo, não fosse a ironia veiculada, a negação pura e simples seria um tanto impolida, grosseira, como já discutiu Neves (2006).

Conclui-se, assim, que, no caso da expressão em destaque, o que imprime ironia a todas as suas ocorrências é a quebra de expectativas provocada pela justaposição de ideias contrárias – definição de ironia.

3.1.4 Do parâmetro de traço textual-discursivo: gêneros textuais

As situações comunicativas às quais somos expostos diariamente são infinitas. A todo o momento, travamos interação – seja oral, seja escrita –, o que nos demanda certo comportamento linguístico. Portanto, assim como são vários os eventos comunicativos de que participamos, são várias, na mesma proporção, as posturas linguísticas adotáveis.

É nesse âmbito que se justificam os gêneros textuais. Ao partilhar peculiaridades, eles podem ser identificados, reconhecidos e categorizados, permitindo ao falante adequar o tom de sua declaração a determinado momento linguístico. Para tanto, é preciso, porém, considerar elementos como intenção, estilo, estrutura e função social de certa declaração, uma vez que as práticas sociocomunicativas são dinâmicas e variáveis.

Assim, a definição de um gênero textual contempla pelo menos quatro aspectos: propósito comunicativo, estilo, conteúdo e função social. Tais peculiaridades, apenas quando vistas em conjunto, é que diferenciam, por exemplo, um artigo de opinião de uma reportagem.

Tendo em vista tais considerações, nosso objetivo aqui é, ao olhar as ocorrências de *só que não* do ponto de vista dos gêneros textuais, registrar os tipos de interação escrita que têm privilegiado as diferentes configurações da expressão em estudo. Para tanto, apresentamos o quadro a seguir. Nele, elencam-se os gêneros textuais que mais apareceram vinculados a algum uso da construção *só que não*.

Ordem de ocorrência	Gêneros textuais	Em relação ao universo de dados da pesquisa
1	Coluna, artigo de opinião e editorial ⁷	45%
2	Blogue	34%
3	Reportagem	21%

Quadro 1 – Gêneros textuais mais produtivos

Fonte: elaboração própria.

Ressalte-se, antes de começarmos de fato, que o escopo desta pesquisa, como deixamos claro na seção **2. Metodologia**, é o de verificar o espraiamento dos usos da expressão *só que não* por esferas discursivas diferentes das redes sociais, como o

⁷ Dadas as similaridades partilhadas pelos gêneros *coluna*, *artigo de opinião* e *editorial*, decidimo-nos por agrupá-los sob a mesma categoria, de maneira a lançar-lhes um único olhar, já que suas fronteiras, muitas vezes, se entrecruzam.

Facebook e o *Twitter*. Isso, porque, na medida em que consideramos seu nascedouro e *habitat*, a saber, as redes sociais, não faria sentido, para o nosso propósito aqui, levar em conta publicações dessa natureza, já que é claro que os usos dessa expressão predominam em tais ambientes.

Como se vê, os gêneros *coluna*, *artigo de opinião* e *editorial*, com o propósito de expressar uma opinião particular (do próprio colunista ou articulista) ou geral (do veículo de comunicação como um todo) a respeito de um assunto atual, polêmico e relevante no âmbito da formalidade requerida, são, dos mais produtivos com relação à expressão *só que não*, os mais associados a esse uso, com 45% das ocorrências contidas nesse tipo de contexto.

Observemos uma ocorrência dessa natureza, a Figura 7.



Figura 7 – Ocorrência em artigo de opinião da revista *Consultor Jurídico*

Fonte: Consultor Jurídico (2016).

No artigo em questão, escrito por um procurador já aposentado, professor universitário e advogado e publicado pela revista *Consultor Jurídico*, promove-se uma reflexão opinativa sobre o caráter corruptor até mesmo do lado que se diz contrário à corrupção, quando se apercebem os supersalários pagos pelo Poder Judiciário aos seus magistrados. De acordo com o texto, isso representa um contrassenso, porque “são questões [para] que a sociedade exige resposta, precisa de uma explicação racional, moral, ética e constitucional! Afinal, todos os integrantes da Administração Pública não são iguais perante, e a lei e a Constituição Federal não vale[m] para todos?” (CONSULTOR JURÍDICO, 2016, s/p).

O fato é que, também nesse caso, a construção *só que não*, por extenso, consta do título do texto, o que indica, talvez, o caráter de pinça de tal uso, capaz de despertar a atenção até mesmo de leitores que representem categorias profissionais diametralmente

opostas às jurídicas – daí a ironia produzida em torno da afirmação que constitui o título.

Com relação ao segundo ambiente textual mais produtivo, com 34% das ocorrências coletadas, avulta o blogue. Justamente por se aproximar do gênero *diário pessoal*, autorizando tratar de uma infinidade de temas numa linguagem também variável, em conformidade com o grau de importância do assunto, ele tem aparecido muito associado a revistas e jornais – apesar de ser possível flagrar alguns casos independentes, como mostra a Figura 8.



Figura 8 – Ocorrência em blogue independente de moda

Fonte: Blog da Lalo (2016).

Nesse blogue independente, já que suas publicações são autônomas, sem vinculação com nenhum veículo de comunicação, trata-se, sobretudo, de moda. Sua mantenedora, no excerto apresentado, faz uso da construção *só que não* na primeira linha do último parágrafo, meio pelo qual ela estabelece uma afirmação e, logo em seguida, a nega, dizendo que a cor preta pode ser tão elegante quanto qualquer outra.

Percebe-se que, para desdizer a afirmação de que “pretinhos [são] básicos”, ela recorre, primeiro, à configuração abreviada da expressão, a saber, #sqn, e, depois, à sua configuração por extenso, a saber, *só que não*, intensificada pela presença do advérbio *mesmo*. Já vimos, porém, que a expressão *só que não* tende a não ser particularizada, a não ser pela retomada implícita do verbo da primeira porção textual ou um verbo genérico, como *ser* e *estar*. Assim, a presença do advérbio *mesmo* consistiria numa

redundância, uma vez que a construção em questão tem já força suficiente para, produzindo ironia, negar veementemente determinada informação, como demonstramos.

Por sua vez, o terceiro gênero textual mais abundante quando se pensa na expressão *só que não* é a reportagem, que tem como objetivo informar seu público leitor acerca de determinado assunto com a imparcialidade e neutralidade cabíveis a um jornalista no âmbito da formalidade requerida pelo veículo de comunicação para o qual trabalhe.

A Figura 9, por exemplo, apresenta uma reportagem produzida por jornalistas em início de carreira, chamados de focas, no âmbito do 27^o. Curso Estado de Jornalismo – treinamento oferecido anualmente pelo jornal *O Estado de S. Paulo* a profissionais do meio.

Inofensivos, só que não

Em excesso, descongestionantes e analgésicos podem provocar doenças graves

27^o Curso Estado de Jornalismo

MARINA MORI E RICARDO MIORELLI

Eles estão no balcão da farmácia e na caixa de remédios que todo mundo tem em casa. São baratos e parecem inofensivos. Neosoro, Dorflex, Paracetamol: remédios famosos por proporcionar alívio quase imediato a sintomas comuns, do nariz entupido à dor de cabeça. Quando consumidos em excesso, porém, podem ter o efeito inverso e causar doenças difíceis de resolver. Uma rinite que piora após sete dias de uso do descongestionante, uma dor de cabeça que se torna crônica com o consumo de dez comprimidos mensais e um tratamento para gripe que pode causar hepatite e, em alguns casos, até levar à morte.

Figura 9 – Ocorrência em reportagem do jornal *Estadão*

Fonte: Estadão (2017).

No texto em questão, abordam-se os riscos a que nos sujeitamos quando, sem orientação ou acompanhamento médicos, fazemos uso de medicamentos. Vale salientar que, mais uma vez, a construção *só que não* é referida já no título da matéria, o que sugere a relevância do papel por ela desempenhado. Em outras palavras, quando se opta por destacar uma expressão como *só que não* – nesse caso, também na sua configuração inteiriça –, deixa-se entrever certo protagonismo de tal uso.

Considerações finais

Este texto visou a, sincronicamente, descrever o comportamento de *só que não* de uso recente, dada a ausência de trabalhos exaustivos nesse sentido apesar da expressividade cada vez maior da construção.

Assim, constatamos se tratar de locução com posição fixa na sentença e de natureza formulaica, já que ela deixa de fazer sentido quando se desconsidera alguma de suas partes. Além disso, todas as ocorrências coletadas demonstraram a quebra de expectativas que *só que não é capaz de operar*, ao invalidar sempre a afirmação ou porção textual imediatamente anteriores.

Outro aspecto importante é o fato de a ironia ser componente intrínseco à construção. Em outros termos, a ironia, em todos os casos, provoca o encapsulamento promovido por *só que não*, que, implicitamente, retoma apenas o verbo da primeira porção textual ou formas como *ser* e *estar*, que são genéricas.

Ademais, quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão a ambientes também mais formais. Vale dizer que, a princípio, imaginávamos que a locução em estudo se restringiria a um uso muito coloquial, informal – suposição que caiu por terra quando percebemos seu emprego em contextos como jornais e revistas de prestígio.

Por fim, salientamos que, não obstante a existência de inúmeras configurações formais da expressão, vem sendo preferida, pelo menos em ambientes de uso linguístico mais monitorado, a por extenso sem o acompanhamento do símbolo #, a saber, *só que não*. Já a expressão abreviada (*SQN* ou *sqn*), geralmente acompanhada do símbolo #, é também recorrente, mas em contextos menos formais de comunicação.

Esperamos, com esta descrição, ter fomentado reflexões concernentes à ciência linguística brasileira, de maneira que, considerando a criatividade subjacente à língua, passemos a dispensar ainda mais atenção a seus fenômenos.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BERGH, G. Min(d)ing english language data on the Web: what can Google tell us? *I came Journal*, v. 29, p. 25-46, p. 2005.
- BLOG DA LALO. *O estilo (diva) Thássia Naves*. Januária, 31 mar. 2016. Disponível em: <<https://blogdalalo.wordpress.com/page/5/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

BORGES NETO, J. *Formalismo vs. Funcionalismo nos estudos linguísticos*. Ensaios de filosofia da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 15-24.

CAMACHO, R. G. O papel do contexto social na teoria linguística. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 3, p. 19-36, 1994.

CAMARGO, D. W. F. *Os conectivos condicionais complexos “na condição (de) que” e “na eventualidade (de) que” no português escrito*. 2012. 39 f. Relatório Final (Iniciação Científica em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

_____. *Os conectivos condicionais complexos “na condição (de) que” e “na eventualidade (de) que” no português escrito*. 2014. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

CONSULTOR JURÍDICO. *Rebaixar supersalários é retaliação, só que não!* São Paulo, 17 dez. 2016. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2016-dez-17/cezar-bitencourt-rebaixar-supersalarios-retaliacao-nao>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

DAVIES, M. *Corpus do Português: 1 billion words, 2015-16*. 2016. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

ESTADÃO. *Inofensivos, só que não*. São Paulo, 30 ago. 2016. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/focas/tanto-remedio-para-que/corpo-2.php>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

FACEBOOK. *Movimento para quem*. 10 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/direitoparaquem/>>. Acesso em: 14 jul 2016.

FOLHA DE S. PAULO. *Os 40 são os novos 30, só que não*. São Paulo, 9 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2014/10/1529670-os-40-sao-os-novos-30-so-que-nao.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

_____. *Mamão parece o vilão da inflação “só que não”*; saiba por que em 11 gráficos. São Paulo, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1779349-mamao-parece-o-vilao-da-inflacao-so-que-nao-saiba-por-que-em-11-graficos.shtml>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

GERVASIO, T. L. *Construções #SóQueNão, #SóQueSim e #SóQueNunca à luz da linguística cognitiva*. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LONGHIN-TOMAZI, S. R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional “só que”*. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003a.

_____. A perífrase conjuncional “só que”: invariância e variantes. *Alfa*, Araraquara, v. 47, n. 2, 2003b, p. 139-152. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4246/3841>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

MARTELOTTA, M. E.; AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MARTINS, S. C. Cultura, cognição e uso: aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas. *Domínios de linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 2, 2014.

NEVES, M. A. G. *Aspectos cognitivos na constituição da ironia*. 2006. 194 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

NEVES, M. H. M. A gramaticalização e a organização dos enunciados. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 13-22, 2001.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. A gramática e suas interfaces. *Alfa*, São Paulo, v. 51, n. 1, 2007.

OLHAR SÃO PAULO. *Bela, recatada e do lar #soquenao*. São Paulo, 20 maio 2016. Disponível em: <<https://revistaolharsaopaulo.wordpress.com/2016/05/20/bela-recatada-e-do-lar-soquenao/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

SANTANA, L. *Motivações funcionais da gradação entre construções encaixadas nominais e verbais*. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

SARAIVA. Minha vida cor-de-rosa #SQN. *Descrição*, São Paulo, 13 fev 2014. Disponível em: <<http://www.saraiva.com.br/minha-vida-cor-de-rosa-sqn-7594477.html>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

TWITTER. *Compartilhamento*. 25 jul. 2015. Disponível em: <<https://twitter.com/heliotelho/status/625047989028044804>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

VANDELANOTTE, L. Mister so-called X. Discourse functions and subjectification of so-called. In: BUTLER, C.; HIDALGO DOWNING, R.; LAVID, J. (Ed.). *Functional perspectives on grammar and discourse*. Amsterdã: Johan Benjamins, 2007. p. 359-394.

VOTRE, S. J.; NARO, A. J. Mecanismos funcionais do uso da língua. *Delta*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

_____. Mecanismos funcionais do uso da língua: forma e função. *Delta*, São Paulo, v. 8, n. 2, 1992.

VOTRE, S. Um paradigma para a linguística funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 41, 1997.

WEBCORP. *Concordance the web in real-time*. Birmingham: University of Birmingham, 2016.

ZOPPI-FONTANA, M. G.; OLIVEIRA, S. E. Tá serto! Só que não... Argumentação, Enunciação, interdiscurso. *Linha D'Água (Online)*, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 123-155, 2016.